



DESAFIOS DOS PROFESSORES NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: FORMAÇÕES DO PNAIC

Tauam Marques Pinheiro¹
Priscila Dantas Fernandes²
Verônica dos Reis Mariano Souza³

GT8 – Espaços Educativos, Currículo e Formação Docente (Saberes e Práticas).

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de apresentar as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação no ensino da Língua Portuguesa no ambiente escolar. Realizamos uma pesquisa qualitativa com orientadores de estudos e professores alfabetizadores na formação do PNAIC ocorrida entre 2015 e 2016. Para esses educadores, o problema mais citado referiu-se a estrutura física das escolas, seguidos pela falta de material didático, desinteresse dos professores em aprender novas estratégias de ensino e a desestrutura familiar. O Pacto foi apontado como um grande desafio, entretanto, ao dedicar-se nas formações e suas aplicações no cotidiano escolar, os resultados constituíram visíveis e satisfatórios.

Palavras-chave: Alfabetização. Língua Portuguesa. PNAIC.

ABSTRACT

The present article has the objective of presenting the difficulties faced by the professionals of the education in the teaching of the Portuguese Language in the school environment. We conducted a qualitative research with study leaders and literacy teachers in the formation of the PNAIC that occurred between 2015 and 2016. For these educators, the most cited problem was the physical structure of the schools, followed by the lack of teaching material, learning new teaching strategies and family disruption. The Pact was pointed out as a great challenge, however, by focusing on the formations and their applications in daily school life, the results were visible and satisfactory.

Keywords: Literacy. Portuguese Language. PNAIC.

¹ Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: tauam.marques@gmail.com

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: p.d.fernandes01@gmail.com

³ Doutora em Educação. Professora Adjunta do Departamento de Educação (DED/UFS). E-mail: veronicamariano@live.com



INTRODUÇÃO

É um pensamento geral, seja na academia seja no senso comum que a educação brasileira passa por graves problemas. Em uma conversa breve com alguém na rua ou em uma reunião com amigos não é difícil enumerar as falhas no sistema educacional no Brasil. Esses problemas não são pontuais ou isolados, eles estão interligados, como uma rede de problemas que cresce como uma bola de neve rolando montanha a baixo, um agravando o outro em um interminável efeito dominó.

As condições físicas das escolas, a falta de preparo dos professores, a ineficiência das políticas públicas, desestrutura familiar, a lista é grande e como foi dito não são problemas isolados que possam ser resolvidos um de cada vez como uma lista de afazeres que você vai dando check à medida que vai realizando suas tarefas. Tais problemas precisam ser solucionados em conjunto com a comunidade acadêmica, política, escolar (professores, pais, alunos), cada um fazendo a parte que lhe cabe para desatar os nós dessa rede que amarra o sistema de ensino brasileiro.

Este trabalho vem olhar um dos nós que prende essa rede e analisar suas características para entender o que faz dele um problema tão grave, nosso objetivo é apresentar as dificuldades encontradas pelos alunos e professores alfabetizadores em sala de aula no ensino da Língua Portuguesa pois acreditamos que a alfabetização é a mediadora entre o aluno e o processo de aprendizagem na escola (ALLIEND, 2005) o que faz dela um processo contínuo que será responsável, caso não realizada como deveria, por grande parte dos problemas enfrentados pelos alunos no seu processo escolar (CAGLIARI, 2007).

Para podermos apresentar e refletir sobre esses problemas realizamos uma análise bibliográfica sobre alfabetização e letramento, formação de professores, o Pacto Nacional de Alfabetização Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e sobre o ensino da Língua Portuguesa, além da análise sobre o que professores e outros profissionais da educação relataram nos questionários aplicados durante uma das reuniões do PNAIC.

Sabendo que os problemas no sistema educacional brasileiro enfrenta é múltiplo e carece de uma ação conjunta de todos, mas que ainda assim é impossível que uma pessoa ou um grupo estude e analise todos os problemas ao mesmo tempo decidimos olhar para os profissionais que estão na linha de frente do processo educativo, os professores



alfabetizadores, além dos secretários e coordenadores pedagógicas buscando a resposta para a seguinte pergunta: que dificuldades enfrentam os professores dos anos iniciais do ensino fundamental de um município de Sergipe, no processo de ensino e aprendizagem em Língua Portuguesa?

ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

Vivemos em uma sociedade globalizada, informatizada e conectada por uma rede de informações; desde recém-nascidos, na zona rural ou em uma megalópole, temos contato diário com signos gráficos, alfabéticos e numéricos, vindos do mundo todo, produzimos e consumimos informação através desses signos, registramos nossa cultura através da grafia, guardamos segredos, fazemos listas, anotamos memórias, criamos histórias, somos uma sociedade grafocêntrica.

Em uma sociedade grafocêntrica, a alfabetização é a base do aprendizado da criança em todas as fases de sua educação, estando presente em boa parte das atividades escolares e funcionando como a mediadora entre o aluno e sua formação escolar (ALLIEND, 2005).

Soares (2010, p.15) define a alfabetização como o “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. Entendemos, então, que a alfabetização é um processo de aquisição da capacidade de compreender e reproduzir os signos linguísticos da sociedade em que o alfabetizando vive.

Segundo Cagliari (2007, p.151), a leitura e escrita atuam a partir da convencionalidade social, a escrita atua pelo que foi convencionalizado para que se pudesse representar graficamente os signos (a escrita) e a leitura não só é a convencionalidade da representação linguística como também é guiada pelos “elementos culturais, ideológicos e filosóficos do leitor”. Portanto, ler e escrever (ser alfabetizado) não é apenas a representação de fonemas e grafemas - visto que não se escreve como se fala nem se fala como se escreve - nem um processo apenas de expressão e compreensão de significados (SOARES, 2010).

A alfabetização é um processo múltiplo e complexo, que não depende de uma ou duas habilidades, mas de um conjunto de habilidades desenvolvidas pelo indivíduo. Uma pessoa pode ser alfabetizada, mas não compreender as instruções de um manual ou a ironia de uma frase entre aspas, assim como uma criança não alfabetizada pode falar expressões e gírias



presentes em um texto que um adulto leu para ela mostrando que ela possui artifícios para utilizar a linguagem oral letrada mesmo não tendo sido alfabetizada (KLEIMAN, 1995).

Para definir o indivíduo capaz de conviver e assimilar as diferentes maneiras que a linguagem se manifesta em seu meio social foi introduzida, na década de 1980, ao vocabulário acadêmico brasileiro a palavra letramento:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2010, p. 39-40).

Então a alfabetização e o letramento são dois processos distintos adquiridos pelas crianças para que elas possam entender e se fazerem entendidas no universo gráfico da sociedade em que vive pois, de acordo com Barreto (2006, p. 63), ainda que a leitura seja uma ação que singulariza o sujeito “toda prática de leitura é feita num quadro social” ela sempre será uma troca de experiência pois o texto será mediador de uma interação entre o autor e o leitor.

Nesse sentido, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN`s), para aprender a ler e a escrever, é preciso pensar sobre a escrita, pensar sobre o que a escrita representa e como ela representa graficamente a linguagem. O aluno precisa passar por situações didáticas imprescindíveis no processo de alfabetização: deve ler, embora ainda não saiba ler; escrever, apesar de ainda não saber escrever (BRASIL, 1997).

Conforme os Parâmetros, no que diz respeito a leitura, os textos mais apropriados aos alunos são as quadrinhas, parlendas e canções. Já com relação a escrita, as embalagens comerciais, os anúncios, os folhetos de propaganda e demais portadores de texto. Um exemplo disso, são as listas de compras, dos livros do acervo da classe, dos ingredientes para uma receita, etc. escolher o texto a ser escrito.

Assim, as propostas de escrita mais produtivas são as que permitem aos alunos monitorarem sua própria produção, ao menos parcialmente; cabe ao professor a tarefa de auxiliá-los. O grande desafio no cenário brasileiro é trabalhar a leitura e a produção de diferentes gêneros textuais nas salas de alfabetização, desenvolvendo práticas com base na perspectiva do letramento.



A alfabetização, considerada em seu sentido restrito de aquisição da escrita alfabética, ocorre dentro de um processo mais amplo de aprendizagem da Língua Portuguesa (BRASIL, 1997).

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO PNAIC

Os Parâmetros Curriculares Nacionais têm como finalidade criar um modelo de qualidade para a Educação Fundamental que seja flexível integrando assim toda a diversidade das regiões brasileiras em seus estados e municípios servindo como um norte para os profissionais da educação. Seus objetivos visam criar um cidadão crítico, capaz de compreender e refletir sobre política e a sociedade, reconhecer e interagir com a cultura de sua região e de seu país, ser capaz de compreender e reproduzir de forma apropriada os diversos estilos textuais e de se comunicar com a sua comunidade e com o mundo através das mais diversas linguagens (BRASIL, 1997).

Para que os educadores atinjam esse objetivo, ou seja, para que ao final do ensino fundamental as escolas possam entregar à sociedade cidadãos críticos e conscientes de sua existência política, social e individual em um mundo globalizado e comunicativo eles precisam preparar os alunos para que sejam capazes de se comunicar e se expressar, comunicação essa que se dá em uma sociedade predominantemente grafocêntrica, portanto, para que os educadores alcancem seus objetivos eles precisam formar estudantes alfabetizados, estudantes letrados.

Tendo a alfabetização como um complexo processo de aquisição do código escrito que acontecerá durante toda a vida do alfabetizado (SOARES 2010) o educador tem a grande responsabilidade de proporcionar para aqueles que estão dando início a sua aprendizagem uma experiência única, pois os problemas não solucionados com a leitura e escrita desenvolvidos pela criança durante seu processo de alfabetização irão acompanhá-la por toda sua vida, dentro e fora da escola (CAGLIARI 2007).

É importante que o professor de Língua Portuguesa também esteja familiarizado com os diversos tipos de textos utilizados, que ele saiba não só ler, mas interpretar o texto, que use as modalidades da voz, que de tempo para o aluno vivenciar o clímax da história, que dê espaço para que questione, que folheie os livros e revistas, analise a capa e seus desenhos (ABRAMOVICH, 1995). Durante o processo de alfabetização o aluno precisa não só se



empoderar do mecanismo de escrita e leitura como precisa ter contato com o prazer e os benefícios que essa nova aquisição vai trazer na sua vida.

Toda escola, todo educador comprometido com os objetivos dos PCN's de formar cidadãos críticos, conscientes de sua individualidade imersa em um ambiente social deve criar um ambiente em que seus alunos possam não só se sentirem à vontade para aprenderem a ler e escrever, mas também que eles se sintam desejosos em aprender e exercer sua cidadania.

Alfabetizar crianças não é uma tarefa simples, e não é apenas pelo fato da alfabetização ser um processo complexo e contínuo de aquisição dos códigos de linguagem, mas também pelo fato de que ao se tentar alfabetizar os professores precisam lidar com outros tipos de problemas de natureza política, social e pessoal. Para descobrir mais sobre esses problemas nós fomos direto a fonte: os professores que estavam passando por um processo de treinamento do PNAIC para dar continuidade a sua formação docente e melhorar seu desempenho como professor alfabetizador e os indagamos acerca dos problemas que enfrentavam no cotidiano escolar que atrapalhavam ou até mesmo impediam o processo de aprendizagem e de formação do cidadão de seus alunos.

Para atingir o objetivo proposto deste artigo - apresentar as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação no ensino da Língua Portuguesa no ambiente escolar - aplicamos questionários a 21 profissionais da educação, consistindo em 20 mulheres e 1 homem. A maioria estava entre 31 e 40 anos, 4 tinham menos de 30, 7 deles estavam entre 41 e 50 e 2 dos entrevistados tinham mais de 50 anos. Desses 21 profissionais, 9 lecionavam nas turmas de 1º ao 3º ano do ensino fundamental e 12 lecionavam em outros anos ou trabalham nas secretarias da cidade ou das escolas e 2 não responderam.

Ao serem questionados sobre as dificuldades encontradas na sala de aula, majoritariamente responderam a estrutura das escolas. Um professor afirmou: *“encontro sempre alunos desmotivados na leitura, na interação com colegas e nas conversas. O ambiente escolar precisa ser mais adequado, aconchegante”*. Assim sendo, é difícil para o aluno e para o professor achar motivação para estudar e ensinar em um local inadequado, sem um *“espaço escolar para atividade complementar”* ou *“ambientes mais frescos”* como destacaram outros dois profissionais em suas respostas.

O tamanho das salas de aula foi outro problema apontado pelos profissionais, com ambientes pequenos, os quais dificultavam o processo de ensino aprendizagem: *“falta de material para construção de jogos, ambiente mais fresco e adequado para crianças”*.



A falta de material didático ou a sua insuficiência foi o segundo problema mais citado, e com razão, para que o professor possa dar uma aula de qualidade ele precisa se planejar e organizar os materiais que irá utilizar em sala de aula, mas nenhum planejamento por mais bem feito que seja terá algum resultado se a escola não possuir os materiais necessários para que sirvam de mediadores do processo de ensino-aprendizagem. Em algumas escolas falta para os alunos e professores mais do que os livros didáticos como disse uma professora “*os materiais didáticos, jogos, bola, corda, vídeo, espaço*”.

As salas superlotadas também foi um problema mencionado pelos profissionais da educação, principalmente quando a superlotação está atrelada ao fato das salas serem muito pequenas o que volta ao primeiro problema citado neste trabalho e demonstra como os problemas estão entrelaçados. Nesse sentido, uma professora disse que “no momento estou fora de sala, mas vivenciei o número excessivo de alunos em salas pequenas”. É realmente difícil para um educador ter que preparar e ministrar aula para mais de 30 crianças em estágio de alfabetização cada uma em diferente nível de aprendizagem enquanto tem que lidar com o estresse e desatenção dos alunos devido a quantidade de crianças dentro de uma mesma sala.

Outros problemas citados dizem respeito a questões fora e dentro da escola e que não estão no controle nem na competência do professor para resolvê-los, como é o exemplo dos problemas relacionados a família do educando. A ausência dos pais na comunidade escolar foi apontada como um dos fatores que atrapalham o processo de alfabetização do educando “a falta de estímulo familiar e a indisciplina escolar e educacional com as crianças e pais” afirmou uma das professoras. Desinteresse dos alunos, falta de apoio pedagógico, indisciplina, também foram relatados pelos professores.

Para minimizar os problemas em sala de aula e preparar os professores com o intuito de capacitá-los como alfabetizadores e formar crianças alfabetizadas ao fim do ciclo de alfabetização, o Governo Federal criou o PNAIC, através da Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012, cujo objetivo é a alfabetização de todas as crianças das escolas públicas até o 3º ano do ensino fundamental.

Para alcançar esse objetivo e resolver os diversos problemas no processo de alfabetização, as ações do PNAIC se desdobram em uma série de projetos que tem como eixo principal a formação continuada do professor, ligadas a planos de gestão, controle e mobilização social, distribuição de materiais didáticos e criação e manutenção de bibliotecas escolares.



O processo de formação continuada dos professores demanda ações de dois lados, tanto do governo que viabiliza junto com as universidades e o estado as formações dos professores, quanto dos próprios educadores que precisam perceber a importância do programa que trás novas abordagens e novas teorias para o ensino da Língua Portuguesa.

No que diz respeito ao Pacto, os dados revelaram-se como um grande desafio, expressado conforme a seguir: *“a minha maior dificuldade, como não estou em sala de aula é fazer com que os professores alfabetizadores apliquem em sala os ensinamentos e metodologias do PNAIC”*. Já que é a motivação do professor em querer aprender e melhorar que vai ser o ponto decisivo para o Programa dar certo, uma professora disse que *“a proposta de alfabetização/letramento do Pacto é muito boa. Porém, nem todos os professores estão dispostos a mudar a sua prática”* e esse se torna um dos grandes desafios do PNAIC, trazer a motivação para os educadores.

Quando o professor está disposto a aprender e entra no programa os resultados são excelentes e a satisfação dos professores é visível: *“bastante enriquecedora, os momentos vivenciados nas formações e o envolvimento das professoras alfabetizadoras nas capacitações foi aumentando de forma gradativa. Quando iam percebendo mudanças em suas práticas adquiriram maior confiança na proposta do PNAIC, além de perceberem o avanço na aprendizagem de seus alunos”*.

Nesse sentido, apesar das dificuldades enfrentadas no ambiente escolar, o PNAIC contribuía significativamente, tornando os professores a serem mais dinâmicos. Para que o processo de alfabetização ocorra da melhor maneira, é fundamental o aprimoramento do processo de formação de professores para a melhoria do atendimento escolar.

Assim, a formação continuada passa a ser um dos pré-requisitos básicos para a transformação do professor, pois só é possível a mudança através do estudo, da pesquisa, da reflexão e do constante contato com novas concepções. É mais difícil que o professor mude seu modo de pensar e seu fazer pedagógico se ele não tiver a oportunidade de vivenciar novas experiências, novas pesquisas, novas formas de ver e pensar a escola.

Portanto, é preciso continuar garantindo a formação continuada presencial dos professores alfabetizadores, disponibilizando sempre materiais pedagógicos e incentivando-os com gestão, controle social e mobilização.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é preciso ser um acadêmico ou estudioso na área da educação para perceber que o sistema educacional brasileiro vive um processo histórico de abandono e sucateamento, escolas em ruínas, sem material didático ou carteiras, professores mal pagos e desmotivados, ausência de políticas públicas que alcance cada município em sua particularidade de forma efetiva, além de problemas com a comunidade escolar, desinteresse dos alunos ou desestrutura familiar. É nesse ambiente escolar desestruturado e sem a devida valorização que muitos professores de Língua Portuguesa do ensino público das periferias e cidades pequenas além da zona rural se encontram, e tentam ensinar seus alunos apesar dos problemas.

Nosso objetivo foi apresentar as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação no ensino da Língua Portuguesa no ambiente escolar. Os dados obtidos revelaram inúmeros problemas como a falta de estrutura das escolas; uma deficiência física como salas pequenas ou necessidade de reformas; a falta de material didático tanto os livros quanto o lúdico; falta de interesse dos professores em seguir o plano de ensino criado para o ciclo de alfabetização.

Outros problemas também foram mencionados, mas com menos destaque como a falta de apoio pedagógico, indisciplina e desinteresse dos alunos, ausência da participação da família na escola e salas superlotadas. O Pacto foi apontado como um grande desafio, entretanto, ao dedicar-se nas formações e suas aplicações no cotidiano escolar, os resultados constituíram visíveis e satisfatórios.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

ALLIEND, Felipe. **A Leitura**: teoria, avaliação e desenvolvimento. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BARRETO, Angela Maria. **Memória e leitura**: as categorias da produção de sentidos. Salvador: EDUFBA, 2006.



BRASIL. **Lei nº 12.801, de 24 de abril de 2013.** Dispõe sobre o apoio técnico e financeiro da União aos entes federados no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 867,** de 4 de julho de 2012. Institui o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e as ações do Pacto e define suas diretrizes gerais. Diário Oficial da União, Brasília, 05 jul. 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: 1997. 144p.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística.** 10 ed. São Paulo: Editora Scipione, 2007.

KLEIMAN, Angela. Modelos de Letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela (Org.). **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995. p. 15-64.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.